



Juarez Fonseca
juafons@gmail.com



LUIS BARROSO, DIVULGAÇÃO

Entre fados, serestas e histórias

HENRIQUE MANN TRAZ surpresas das pesquisas realizadas em Coimbra

Decidido a desenrolar o novelo que liga ancestralmente o fado à música brasileira, o músico e pesquisador gaúcho Henrique Mann está desde domingo passado pela quarta vez em Coimbra, para complementar as pesquisas que faz desde 2011. Ao lado da esposa, a professora de História Leandra Vargas, ele já vinha estudando o fado de uma maneira geral, com mais foco na história do gênero em Lisboa, mas ao conhecer o fado de Coimbra percebeu que havia muita diferença entre os dois.

– Me interessei em saber que diferença era aquela e fui conversar com experts, como o reverenciado maestro Virgílio Casseiro e o historiador António Manuel Nunes, maior autoridade portuguesa em música de Coimbra – conta Mann. – Aliás, lá não é usada a denominação “fado”. Todos a definem como “canção de Coimbra”.

A partir das entrevistas e da leitura de livros desses mestres, entre outros, Mann foi informado da ligação da pianista e maestrina carioca Chiquinha Gonzaga (1847 – 1935) com músicos de Coimbra. E a certa altura da pesquisa, aqui e lá, surgiu uma revelação que espantou os próprios portugueses: algumas letras de músicas populares, tidas como do folclore ou de autor desconhecido, eram poemas do também carioca Casimiro de Abreu (1839 – 1860), filho de um lusitano e uma brasileira. Essa é uma das histórias inéditas que estarão no livro de Mann e Leandra, cujo título provisório é *O Fado, a Seresta e a Canção de Coimbra*. Pois é, a seresta, uma secular tradição brasileira, seria interessante ver como entra a história. Mas ele prefere não antecipar. Um terço do texto já está no computador, lançamento

provável em 2018.

Henrique Mann diz que seu lado de pesquisador, talvez influenciado por Leandra e pela mãe dele, também professora de História, veio à tona quando materializou o que chama de “enciclopédia”: a coleção de 30 fascículos *Som do Sul – A História da Música do Rio Grande do Sul no Século XX*, lançada em 2002 – e em formato de livro no ano seguinte. O trabalho, com as biografias essenciais de mais de cem nomes, entre outras informações, é visto por ele como um dos mais importantes de sua trajetória.

– Ganhei dois prêmios Açorianos diferentes pela mesma obra, o de Literatura e o de Música. Ainda hoje me procuram de todos os lados querendo saber onde encontrar. No Interior, rádios pautam sua programação com os fascículos, pois neles estão as datas principais envolvendo vida e obra desses artistas.

Faltou um nome no *Som do Sul*: o de Henrique Mann, que insiro agora, quando o lançamento completa 15 anos. Também em 2017, seu primeiro disco, *Quintanares*, comemora 30 anos, e o segundo, *Porto Alegre Boêmia*, 20. Além desses, tem o volume 2 de *Porto Alegre Boêmia* (1998) e *Norte in Sul* (2002), mais os livros *MPB em Debate* (1991) e *Retratos da Vida Boêmia* (1995). Tocou na noite de 1979 a 96, passou pela maioria dos bares com música ao vivo cantando só música boa de todos os gêneros. Foi coordenador de Música da Secretaria da Cultura de Porto Alegre de 2005 a 2007, criando projetos como Sons da Cidade e Encontrabanda. Hoje está em Portugal, onde já deu aulas sobre música brasileira. O projeto é ficar dois meses. Mas tem sérios planos de viver na Europa. Se for, perderemos um artista culto, versátil e generoso.



LEONID STRELAHEV, DIVULGAÇÃO

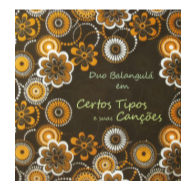
Mann e o poeta Mario Quintana, inspirador do primeiro disco do músico, “Quintanares”, em 1987

antena



A GENTE MORA NO AGORA
De Paulo Miklos

Embora tenha dois discos (1994 e 2001), Paulo Miklos considera que este é, de fato, seu primeiro trabalho individual. Produzido por Pupillo (Nação Zumbi), *A Gente Mora no Agora* reflete o período de sofrida turbulência pessoal de Miklos, que em 2013/14 perdeu a mulher, a mãe e o pai, e em 2016 deixou a banda Titãs, da qual foi cofundador em 1982. É um álbum vigoroso musical e poeticamente, reunindo parceiros de diferentes gerações e estilos. Com letra de Emicida, *A Lei Desse Traço*, faixa de abertura, sintetiza em formato de rhythm’n’blues esses momentos de Miklos: “Tudo que eu faço é me erguer dos destroços”. Também há comentários fortes sobre o Brasil atual, como no ótimo rock *País Elétrico* (letra de Erasmo Carlos) e no baião *Afeto Manifesto* (com Lurdez da Luz). Mas não pense que é um disco depressivo; ao contrário, é afirmativo, inclui o novo amor do cara, saudado em *Estou Pronto*, balada com a parceria e o piano de Guilherme Arantes. Entre os parceiros estão ainda Arnaldo Antunes, no frevo *Deixar de Ser Alguém*; Tim Bernardes na pesada *Samba Bomba*; e Céu, na abolerada *Risco Azul*. Nando Reis deu de presente a romântica *Vou Te Encontrar*, e Mallu Magalhães mandou o samba-rock *Não Posso Mais*. O grupo compacto de músicos (a não ser onde tem cordas e metais) produz um resultado de alta combustão sonora. Discaço! **Natura Musical/Deck, CD R\$ 24,90, LP R\$ 99,90, disponível nas plataformas digitais.**



CERTOS TIPOS E SUAS CANÇÕES
Do Duo Balangulá

Formado em 2009 na cidade de Campinas pelos violonistas e violeiros Alê Freire e Zé Esmerindo, ambos com formação acadêmica e várias atividades paralelas, em 2011 o Duo Balangulá começou a percorrer o Estado de São Paulo com o show *Certos Tipos e Suas Canções*, resultado de uma daquelas ideias que parecem cair de maduras, só que ninguém materializou antes. O mote: reunir canções de todos os gêneros brasileiros que se refiram a um personagem, ou personagens. A pesquisa foi fundo e deu o maior pé, pois a empatia com o público é imediata. Na primeira faixa, a moda de viola *Certos Tipos*, o duo apresenta o projeto, citando personagens como Zelão, Escurinho, Chico Brito, Malvadeza Durão e Juliana (aquela do *Domingo no Parque*). A sequência passeia pelo Brasil dos anos 1930 aos 2000, entre toada, samba, samba-canção, xote, baião, de *Catirina* (Jararaca, 1930) a *Maria do Socorro* (Edu Krieger, 2006), passando por *Mulato Bamba* (Noel, 1932), *Maria Rosa* (Lupicínio, 1950), *Maria Macambira* (Babi de Oliveira, 1953), *Filomena e Fedegoso* (Jackson do Pandeiro, 1960), *Morro Velho* (Milton Nascimento, 1967), *A Morte do Chico Preto* (João Firme, 1975), *Herança de Matuto* (Levi Ramiro, 1997) e outras. O pano de fundo é simples, os instrumentos do duo mais uma sanfona aqui, uma percussão ali. Mas funciona. **ProacSP/Tratore, R\$ 24,90 em popdiscos.com.br. Disponível nas plataformas digitais.**